

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: **LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA**

LISBOA, 20 DE ABRIL DE 1918

ANO II—N.º 44

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1\$40 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . \$70 | ANO 3\$00
NUMERO AVULSO. 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

AS ESTRADAS EM PORTUGAL

Por diferentes vezes se tem referido esta Revista ao pessimo estado de conservação das nossas estradas, pondo bem em destaque os prejuizos incalculaveis que d'ahi adveem não só para o desenvolvimento da industria de Turismo em Portugal, mas, inclusivamente, para as relações commerciaes entre as nossas provincias.

As reclamações que surgem de toda a parte são sem numero. Todas as autoridades, associações commerciaes, industriaes, influentes politicos e electoraes, não se cançam de protestar contra o continuo estado selvagem das estradas que atravessam Portugal e ligam os seus mais importantes centros. Tem sido tantas e tão numerosas essas reclamações, que a sua constancia e continuidade seriam motivos suficientes para que qualquer governo tivesse já estudado, ou mandado estudar, a forma pratica de se conseguir o melhor resultado possivel com o menor dispendio para os cofres publicos.

Porem, se algum governo assim pensou, os resultados d'esse estudo é que nunca se chegaram a saber, talvez por não serem praticos...

E as reclamações confurmando a insistencia dos justamente inofridos, apparecem de todos os lados, cada vez mais e com maior numero, o que não pôde causar admiração nenhuma.

Ultimamente, á enorme legião dos reclamantes, veio juntar-se um outro: o Automovel Club de Portugal, que é uma entidade interessadissima na questão das estradas. Inumeros tem sido também os pedidos, protestos e reclamações apresentados por este Club, sem que, todavia, as suas vozes tenham conseguido ser ouvidas nos espaços sideraes da governação publica.

O mesmo tem acontecido as repetidas instancias da Sociedade Propaganda, que, para que no futuro não lhe possam ser imputadas responsabilidades pelo descabro a que estamos assistindo n'este infeliz capitulo, fez publicar em quasi todos os jornaes da provincia a nota que a seguir transcrevemos e que também nos foi comunicada:

«De dia para dia a nossa viação ordinaria peora extraordinariamente. Só quem percorre o paiz e passa pelas nossas estradas, qualquer que seja o meio de condução de que se sirva, é que pôde fazer uma ideia exacta do estado em que ellas se encontram. Não ha ninguem que se não confranja deante da ruina dos nossos macadames, inutilizando-se assim o que tantos anos leyrou a alcançar, perdendo-se capit is enormes, que o paiz gastou com sacrificio, e dos quaes os povos não tiram as vantagens que seria justo esperar. E' na Sociedade Propaganda de Portugal que se sente bem até quanto as estradas portuguezas se tem arruinado. As reclamações que ali se recebem são constantes e afitivas. Vêem de toda a parte e não dizem respeito apenas ás grandes vias de turismo. Não. Referem-se também ás simples estradas de comunicação, as quaes, por falta de reparações, estão condenadas a desaparecer.

E' que as verbas destinadas a concertos nos macadames que o transitto arruína são deficientissimas. A do distrito de Vizeu, por exemplo, não vai além de sete mil escudos. Uma miseria. Entretanto, a Propaganda de Portugal, apesar de saber que só com muitas centenas, senão milhares de contos, será possivel remendar e recompôr todas as estradas que dia, a dia, se inutilizam nem por um momento deixa de chamar para o caso a atenção dos poderes publicos, que diga-se de passagem, jámais deixaram

de mostrar a melhor vontade em ouvir as suas reclamações e os seus pedidos. Mas a falta de dinheiro é, ou tem sido, insuperavel. Por isso é com inteira magua que a Propaganda de Portugal confessa que, apesar dos seus esforços e dos seus bons officios, não tem logrado levar, até onde o desejaria, a sua protecção ás estradas, traduzida em factos concretos. Como, porém, ha de chegar um dia em que se reconheça que não é possivel nenhum progresso sem uma boa viação, a Propaganda continuará cumprindo o seu dever, chamando constantemente para este assunto a atenção dos poderes publicos, os quaes hão de fatalmente acabar por ouvir a corrente de opinião que, em favor das estradas, essa colectividade representa.»

Falta, ainda, juntar ao numero sempre crescente dos reclamantes, um outro que representa uma entidade official: a Repartição de Turismo, que, embora tenha posto a nú, nos seus numerosos relatorios, nas suas repetidas instancias junto dos varios Ministros que tem administrado os negocios de fomento, o estado de barbarie que em pouco tempo se atingirá, pouco mais tem obtido do que os outros seus companheiros protestantes. D'ahi o supôrmos que a resolução d'este magno assumpto deve—por certo—ser a resultante de uma grande complexidade, a qual se filia, segundo o nosso modesto entender, na conjugação de dois importantes factores: falta de criterio e carencia de dinheiro.

Não obstante, porem, toda a transcendencia que o problema apresenta, parece-nos facil a sua solução, uma vez reconhecida a incapacidade de quem, até agora, tem estado incumbido de o resolver.

Talvez que baste a nomeação d'uma comissão composta de verdadeiros technicos e de delegados das principaes instancias interessadas, que, estudando igualmente a forma de se obter re-

GUERRA MAIO

Ao fecharmos o nosso ultimo numero, uma triste noticia nos chegou, a qual, apenas, pudemos dar em meia duzia de linhas: a morte inesperada da mãe do nosso querido amigo e camarada Guerra Maio.

Ser-nos-hia impossivel, n'essa occasião, prestarmos ao distincto Redactor-Principal d'esta Revista a expressão sentida do nosso pezar, porque a brutal nova não só feriu cruelmente o coração de Guerra Maio, mas enluc-tou-nos a nós, seus velhos e dedicados amigos—como irmãos, e companheiros n'esta ardua lucta, desde que a Revista de Turismo publicou o seu primeiro numero.

Por isso, a sua grande dôr, essa cruciantissima magua que o afligirá por todo o sempre, é por nós avaliada no grau em que ele a está suportando como filho exemplar, amantissimo, para quem o amôr filial tem sido o

timbre da sua pautada e honrosa vida.

Guerra Maio achava-se no Norte, em missão da Repartição de Turismo, quando, telegraficamente, foi prevenido para partir imediatamente para a sua casa, na Beira Alta, onde o cadaver de sua bondosa mãe, aguardava o beijo de despedida do amado filho, a fim de encetar a viagem para o Alem.

A virtuosa senhora estivera, ha pouco tempo, em Lisboa, de visita a seu filho; e mal suporia que, ao dizer-lhe o adeus da despedida, nunca mais repeteria essa frase, nunca mais veria o sorriso de alegria que ele lhe apresentava, quando se juntavam.

Infeliz senhora! Infeliz amigo!

N'estas horas de provação, os teus companheiros abraçam-te comovidamente e depõem umas tristes violetas sobre o athaúde da tua desditosa Mãe.

ceitas, ou de melhor aplicar as verbas que no orçamento geral do Estado são anualmente consignadas a esse fim, chegue a um resultado pratico e positivo. Mas para que ele depois se faça sentir, necessario é tambem que as suas indicações sejam acatadas e postas em execução, por quem de direito e sem hesitações.

E' possivel que assim se consiga alguma coisa; todavia é mais um alvitre a archivar junto dos muitos outros de que a nossa Revista tem sido porta-voz.

Se, contudo, nenhuma das muitas indicações e propostas que teem já sido expendidas, e apresentadas até oficialmente, e muitas outras que ainda virão a sêr, lograrem a conversão dos poderes publicos á realidade, visível e palpavel, melhor será, então, obter-se do Parlamento uma lei de responsabilidade ministerial, na qual seja inscripta a penalidade de fazer percorrer, continuamente, as estradas do paiz a todo o Ministro do Fomento que não ligue importancia ao assumpto.

Não é nossa a idéa. Servimo-nos da que Almeida Garrett expoz no seu

interessante livro *Viagens na minha terra*, prophetisando todavia que, só lá para as Kalendas gregas isso aconteceria.

Oxalá que essa evocação seja proveitosa, quando chegarmos a essa época...

Sociedade Propaganda

O «BUREAU
DE RENSEIGNEMENTS»

Por comunicação recebida do sr. Jayme de Padua Franco, delegado da Propaganda de Portugal, que foi encarregado de instalar e dirigir o *Bureau de Renseignements* em Paris, por iniciativa d'essa Sociedade, sabe-se que esse órgão de propaganda portugueza no estrangeiro está dando resultados dignos de registo. Assim, na sua sêde provisoria, que continúa a ser o *Touring-Club de France*, Avenue de la Grande Armée, o movimento é já grande; sendo avultado o numero de portuguezes e estrangeiros que ali vão pedir informações e es-

clarecimentos. Por intermedio do *Bureau*, muitos comerciantes portuguezes teem alargado as suas relações em França; sendo tambem já grande o numero de comerciantes estrangeiros que pela mesma via se teem posto em relações com casas de Portugal.

Porem, na Bretanha, provincia privilegiada para o turismo, é que o sr. Padua Franco, com mais persistencia, tem lançado as bases d'uma intensa propaganda em nosso beneficio, por meio da publicidade organizada pelos sindicatos e associações regionaes. O presidente do sindicato de iniciativa de Rennes, acolhendo muito agradavelmente a iniciativa do nosso compatriota, mostrou o desejo de publicar artigos a nosso respeito, desde que, por nossa parte, façamos igual propaganda da sua provincia, na imprensa portugueza; o que prova a facilidade que ha em estabelecer relações amigas entre essa Colectividade e a Sociedade de Propaganda de Portugal. Ao mesmo tempo, o presidente do referido sindicato pediu que se indicassem os productos e mercadorias de mais facil importação em Portugal, e manifestou tambem o interesse de ser posto em relações com as Universidades portuguezas; afim de conhecer a sua opinião sobre o envio de Estudantes da Bretanha ao nosso paiz, visto que, tendo consultado o reitor da Academia de Rennes, este não se mostrara hostil á criação, n'essa academia; d'uma cadeira da lingua e literatura portugueza. Com relação á propaganda na Suissa que o *Bureau* de Paris se propõe fazer, já responderam ao apêlo que n'esse sentido lhes foi dirigido, o Centro Commercial do Porto, e o Centro Colonial de Lisboa, colectividades essas que tomaram grande interesse pelo assunto, prontificando-se a incitar os seus associados a que aproveitem os beneficios que o *Bureau* de Paris pode, nesse campo, prestar-lhes.

Como se vê, a iniciativa da Sociedade de Propaganda de Portugal ainda não desmereceu das sympathias com que o publico a acolheu, procurando corresponder a elas o mais largamente possivel.

ANUARIO FIGUEIRENSE

RECEBEMOS e muito agradecemos, um exemplar do «Anuario Figueirense», para 1918, coordenado pelo sr. João Coelho.

Este anuario é uma publicação muito interessante e de grande utilidade não só para os habitantes da Figueira da Foz e seus concelhos, mas tambem para os que teem interesses ligados áquella linda praia.

O TURISMO EM PORTUGAL

E OS SERVIÇOS OFICIAES

SEGUNDO nos consta, o sr. dr. José de Athayde, muito illustre Director da Repartição de Turismo, conferenciou, ha poucos dias, com o titular da pasta do fomento, sobre a remoção do Conselho de Turismo.

Não podemos, em boa verdade, dizer que este facto seja o resultado das idéas que vimos defendendo sempre com o mesmo ardor; tanto mais que, de ha muito, sabemos que aquelle distincto funcionario tem projectada uma larga reforma não só na constituição do referido Conselho, como, tambem, nos serviços da Repartição a seu cargo. Todavia, é licito julgar que a nossa insistente propaganda tem preparado favoravelmente a atmosphera, para que os projectos do sr. dr. José d'Athayde encontrem a viabilidade desejada; e justo é que assim aconteça.

O Conselho de Turismo tem de ser hoje uma entidade com poderes absolutos, para poder agir livremente e fazer-se respeitar sob a força da lei, em tudo quanto se relacione com a industria do turismo em Portugal.

Somos um povo anarchico na execução das nossas idéas; e onde essa anarchia mais se faz sentir é justamente no que importa á defeza dos interesses geraes. Ha uma desorganização completa em tudo quanto respeita á vitalidade d'esse caudal de receitas, que é a industria de turismo, considerada pelas nações civilizadas e que d'ela tem usufruido o melhor proveito, como o principal e o mais importante factor da riqueza publica.

Ha um desequilibrio manifesto entre forças que se deviam facilmente conjugar e que, talvez, inconsciente ou systematicamente se definham.

Ha uma falta de cohesão, onde devia haver a maior harmonia.

N'uma simples frase: ha o cahos em materia de turismo, simplesmente porque a entidade que, desde o seu inicio, devia ter uma ampla e superior acção, nunca produziu os resultados que d'ela havia a esperar.

Isto significa sómente que houve defeitos na constituição do Conselho de Turismo e no serviço d'ele dependentes, talvez por falta de experiencia; não se devendo, porém, em boa justiça, attribuir os seus improprios resultados a alguns dos elementos que o compõem, cujos dedicados esforços tem sido postos á prova para se conseguir a modificação que se impõe por forma absoluta e indispensavel, se quem a póde e deve autorisar não

preferir que esse organismo conserve a feição platonica que pareceu caracterisar a sua instituição.

Se isso succeder, então mais vale não se pensar em turismo no nosso paiz.



Não nos cançamos de dizer e de repetir, que se torna inadiavel o estabelecimento d'uma direcção que oriente proveitosamente os serviços de turismo em Portugal.

Esta tem sido, por assim dizer a, base da nossa discussão, pois temo-la sempre reputado como o ponto de partida, como a unica e verdadeira origem de tanto que ha a fazer para se atingir o nosso tão desejado fim.

Como prova do que afirmamos, transcrevemos a seguir uns periodos do artigo inserto em o numero d'esta Revista, relativo a 5 de Março de 1917. Dissémos então :

«O problema da expansão da industria do turismo é tão complexo, como vasto; e se entre todos os factores que lhe dão ser não houver a mais perfeita harmonia e a mais racional e util conjugação; se eles não se ligarem pela mais natural sequencia e se a sua equação não fôr paralelamente progressiva, os resultados a auferir serão pouco compensadores para o esforço individual e de nenhum valôr para o beneficio comum.

Afigura-se-nos, pois, imprescindível dar unidade aos primordiales elementos, para que a sua acção, n'uma intelligencia perfeita e em completa comunhão, se expanda grandemente e produza os efeitos indispensaveis ao desembaraço da vitalidade portugueza, inerte por mil e uma peias, retrograda por vicios hereditarios e atrophada por todo o pezo d'um incomparavel e incomprehensivel desanimo».

Ora, como se poderão conseguir resultados praticos e proveitosos d'uma completa organização que é necessaria, se não existir um factor comum e constante, e se ele não puder resolver de per si, sem dependencias de burocracias inuteis e deprimentes, e com a superior auctoridade de sua posição, toda a complexidade de interesses que dão ser á portentosa industria do turismo?

E' impossivel, porque n'esta industria ha muito a que atender-se para que sobre as multiplicas e importantes questões em que ela se subdivide possam ser apreciadas de animo leve,

sem estudo, e por pessoas que achem uma simples utopia.

Todas as outras industrias, como todo o commercio, tem n'ella uma repercursão directa, visto que largamente a interessam todas as forças vitais d'uma nação.

Em reforço do que dizemos, vamos traslaçar para estas columnas a opinião d'alguem que ao turismo tem consagrado o melhor do seu tempo e que, pelo estudo profundo que tem dedicado ao assumpto, é justamente considerado como uma auctoridade.

Referimo-nos ao douto clinico, sr. dr. Bentes Castel-Branco, que na these que apresentou ao ultimo congresso hoteleiro, expoz textualmente o seguinte :

«A industrias mães e complementares do turismo auxiliam-se mutuamente, tornando-se reciprocamente indispensaveis umas ao desenvolvimento das outras, de modo que formem naturalmente como que um todo ou organismo, cuja economia exige a boa coordenação funcional de todos os aparelhos componentes.

Buscar desenvolver os hoteis sem ter as industrias mães, é trabalhar para um seguro insuccesso. O mesmo succederá ás empresas que tentarem montar estações de cura ou de recreio sem curar das facilidades de acesso, da boa hospedagem e das distrações dos frequentadores.

O jogo é o mais poderoso, rico e rápido atractivo do turismo; pois a empresa que tentasse explorá-lo em larga escala num deserto, sem communicações, nem recursos da civilização, teria seguramente a falencia como resultado.

E', pois, indispensavel, para montar proveitosamente o turismo em Portugal, atender, logo de começo, ás industrias mães, accessórias e complementares, procurando coordiná-las na sua laboração, para que se desenvolvam harmonicamente, auxiliando-se e completando-se, segundo as necessidades reciprocas que forem aparecendo.

Este trabalho implica forçosamente a criação prévia d'um centro dirigente que, como um verdadeiro cerebro do organismo colectivo, regule a actividade de cada elemento, segundo as conveniencias da economia geral».

Não podiamos encontrar mais seguro apoio para o que acima dizemos; confirmado, aliás, na auctoridade do seguinte periodo que passamos a transcrever do penultimo Relatório da Repartição do turismo :

«A industria do turismo abrange imensos serviços, o exercicio de multiplas funções, devendo competir ao Conselho, para haver o direito de se lhe pedir contas da sua acção, a fiscalisação de todos eles. Para isso é necessario que lhe deem a auctoridade que lhe falta».

Cremos que será desnecessário irmos mais longe; pois supomos que o que acabamos de expôr é o suficiente para se reconhecer a necessidade, urgente e imediata, de se remodelarem completamente o Conselho de Turismo e os serviços d'ele dependentes, afim de que o nosso Paiz possa vir algum dia a auferir os incomparabilissimos beneficios da exploração da industria das viagens.

Sem que se faça essa remodelação, isto é—se não commercarmos pelo principio, e se não se atenderem ás logicas e immediatas derivações que d'ele dimanam com o cuidado, sciencia e o entusiasmo indispensaveis, não será possível, nunca, chegar-se a resultados positivos e praticos, pois todas as tentativas succumbiram ante as difficuldades de toda a ordem que se apresentam, e os melhores esforços exgotar-se-hão sem proveito algum.

JOSÉ LISBOA.

MAFRA
O MOSTEIRO



BELEZAS PATRIAS

Uma visita a MAFRA

MAFRA essa antiga e historica vila que se ergue como solitaria joia na planicie dominada pela Serra de Cintra, apresenta-se-nos hoje como uma

de Portugal, a que um facto posterior veiu dar um especial relevò.

E', pois, Mafra legitimamente orgulhosa do seu passado; e como uma

A REGULAMENTAÇÃO DO JOGO

Sob este titulo foi publicado pelo sr. dr. José de Athayde um folheto em que o insigne Director da Repartição de Turismo, defendendo a opinião que sustentou no Conselho de Turismo e na Comissão que para esse fim fôra nomeada pelo Ministro do Interior, sr. Machado Santos, refuta as arguições feitas nos jornaes «A Capital» e «Vanguarda».

N'um dos proximos numeros reír-nos-hemos mais uma vez a este assumpto, que a todos interessa por igual.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

dama da velha aristocracia luzitana, onde as taras da sua fina linhagem marcaram sulcos impereciveis. De facto, entre o circulo das tradições portuguezas, essa modesta, mas magestosa vila, não podia deixar de ocupar o logar que legitimamente lhe compete.

Conquistada aos mouros pelo valor e pela desmedida intrepidez de Dom Affonso Henriques, o seu dominio pela victoria das armas portuguezas não

gentil dama da antiga côrte, conserva a linha fidalga, tradicionalista do seu heraldico nascimento, ufanando-se das mercês com que foi distinguida pelas munificencias regias, quando o valor do quinhão que representava era sufficiente para premiar os feitos, ou agradecer a compensação dos serviços e sympathias dispensadas aos arbitros das leis do Paiz.

Foi, porém, durante o reinado do Rei-magnanimo, que essa fidalga vila se coroou do maior esplendor. A sua escolha para depositaria do grandioso monumento que synthetisa uma era de grandeza e a superstição que a liga ao acontecimento historico que é evocado por esse mesmo monumento, deram-lhe motivos para a sua especial consagração. Assim, Mafra, que albergou dentro dos seus muros a enorme população que foi empregada na construção do seu soberbo Convento, viu, tambem, brilhar as pa-



MAFRA—VISTA GERAL

podia deixar de assignalar-lhe um logar de destaque na gloriosa historia

redes das suas habitações ao doirado sol d'uma aristocracia de braços e punhos de rendas, enfeudada aos caprichos da vontade soberana.

Celebres se tornaram as pomposas festividades da edificação do famoso monumento, durante as quaes a Côrte ali se instalou; e a 22 d'Outubro de 1730, dia do anniversario d'El-Rei Dom João V, embora essa grandiosa obra não estivesse de todo concluída, effectou-se, com grande pompa, a sagração da Basilica, festa que pela sua sumptuosidade, foi classificada da «mais célebre do mundo».

Todas as solemnidades foram, porém, revestidas d'um intenso brilhantismo, já pela magnificencia da sua organização, quer pelas galas que lhe imprimiram as dignidades que a elas acorreram com todo o brilho do seu esplendor.

Seria interessante a descripção de varios factos a que diversos historiadorez se referem com particular interesse, se o nosso intuito não fosse simplesmente o de archivarmos na nossa coleção, as impressões colhidas n'uma rapida visita. Por isso limitamo-nos a registar os factos que mais podem interessar á curiosidade do turista.

Não podemos, comtudo, deixar de mencionar o acontecimento que deu origem á edificação do magistral Convento; porque esse é um ponto de especial curiosidade para quem fôr admirar a sua incomparavel grandeza. Esse facto attribue-se, segundo auctorisados historiadorez, á efectivação da promessa feita por D. João V, a instigação de frei Antonio de S. José, no caso de haver successor á Corôa.

Representa, pois, a edificação d'essa monumental obra o termo d'uma forte preocupação que durante tres anos affligiu o monarcha, e trouxe desoladissima toda a faustosa côrte que o rodeava.

O convento de Mafra, marca para essa antiga vila, o inicio d'uma era, pois que o lugar onde ele foi construido, ficando um pouco distante do seu seio, separou-a, embora lhe alargasse os seus dominios. Póde dizer-se que são duas boas irmãs, ligadas estruturalmente, pois ambas conservam religiosamente as preciosidades da sua tradição. E se a *nova*, é a detentora d'uma herança inestimavel que lhe perpetua a existencia, a *Mafra-velha* mantem o culto da sua origem historica e a gloria de ter dado o sêr á sua genuina irmã.

E' justo, por consequencia, que consagremos, tambem aqui umas ligeiras referencias á vila antiga.

Assim diremos que, segundo referencias vagas de varios antigos docu-

mentos existentes no archivo da Camara Municipal, houve n'esta vila um castelo para defeza dos seus dominios; tendo, porém, desaparecido de tal forma que hoje não se encontram vestigios alguns. As suas atuaes edificações não apresentam uma curiosidade historica; todavia distinguem-se pelo seu typo regional.

A igreja de Santo André, levantada ao cabo da Vila, com frente para a banda do Atlantico, é um vetusto templo gothico, onde os seculos teem vinculado a sua passagem.

Sob as suas arcarias descrépitaz, jazem, n'uns sarcophagos de marmore muito humildes, as veneraveis osadas de Diogo Affonso de Sousa e sua mulher D. Violante, que foram senhores de Mafraahi pelo seculo XIII. Parochiou em Santo André «o insigne portuguez Pedro Juião, credito da cidade de Lisboa, sua patria: pois além de ser perigrino medico,

singular astrologo, era tão erudito nas philosophias, que foi o primeiro que em Hespanha compoz a Logica, que muitos anos se leu nas escolas publicas»—segundo diz fr. Claudio da Conceição, no seu amalgamado *Gabinete Historico*.

Se bem que não se encontrem ali mais claros vestigios da remota antiguidade d'esta Vila, o seu cunho antigo não deixa, todavia, de transparecer aos olhos do visitante, com agradavel impressão.

Toda a actividade fremente da vila moderna—o commercio, a industria, a burocracia—se condensa na Mafra nova. Os habitantes—que os seus vizinhos ericeirenses chamam *mafarcos*—são amaveis em extremo, brandos no trato, e d'uma docilidade que captiva. Os homens fisicamente, são bem proporcionados, e as mulheres, comquanto simpaticas, d'um coquetismo inexcédível.

MELHORAMENTOS IMPORTANTES

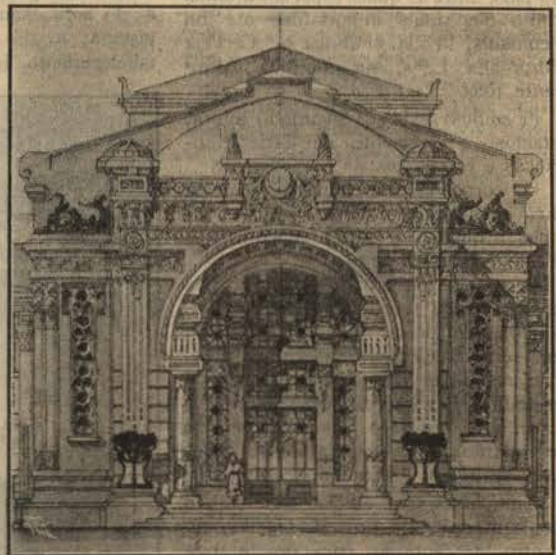
AS THERMAS DO ESTORIL

GRANDE numero dos nossos leitores, por certo que conhecia, quando não de *visu*, pelos menos de tradição, as afamadas Termas que tinham em Santo Antonio do Estoril dois edificios, um mais antigo e outro mais moderno, de estilisação arabe.

Embora não fossem de uma monstruosidade que se tornasse notavel, preenchiam, no emtanto, os fins para que foram feitos, isto é, dar um certo conforto a quem os procurava para utilisação das suas maravilhosas aguas, cujos efeitos se fariam sentir em varias doencas da pele, originadas, as mais das vezes, pela corrupção do sangue.

A grande Empreza do Estoril, adquirindo os vastos terrenos onde se achavam instalados os edificios das Termas, teve, para execução do seu grandioso programa, de ali fazer uma estancia de curativo e recreio mundial, de mandar derruir todas as edificações que, no perimetro da area adquirida, se achavam construidas.

Parece-nos que se a Empreza «Estoril» tivesse previsto que a guerra lhe demovia e atrazaria tanto o seu grandioso projecto, não mandaria arzar os dois edificios, deixando, pelo menos, ficar de pé um d'eles, para que os doentes se fossem aproveitando



DETALHE DA FACHADA

das miraculosas aguas, e ela mesmo fosse usufruindo a sua exploração.

Mas, não sucedeu assim; e o vasto terreno foi logo preparado para a construção dos diversos edificios que deviam ser ali erigidos, taes como Hotéis, Casinos, Balneario, vivendas independentes, etc.

Resolveu-se, porém, e quanto a nós muito sensatamente, começar desde já a construção do Balneario Hotel, para que os doentes que precisam das Termas se possam d'elas aproveitar o mais depressa possível, deixando para mais

em semi-circulo, com clarabóias ao centro e janelões lateraes.

Nas alas da frente ficam: á esquerda, no pavimento térreo, gabinetes com banhos de imersão para os dois sexos, rouparia, retrêtes, consultorio e sala de repouso, comunicando com o Hall.

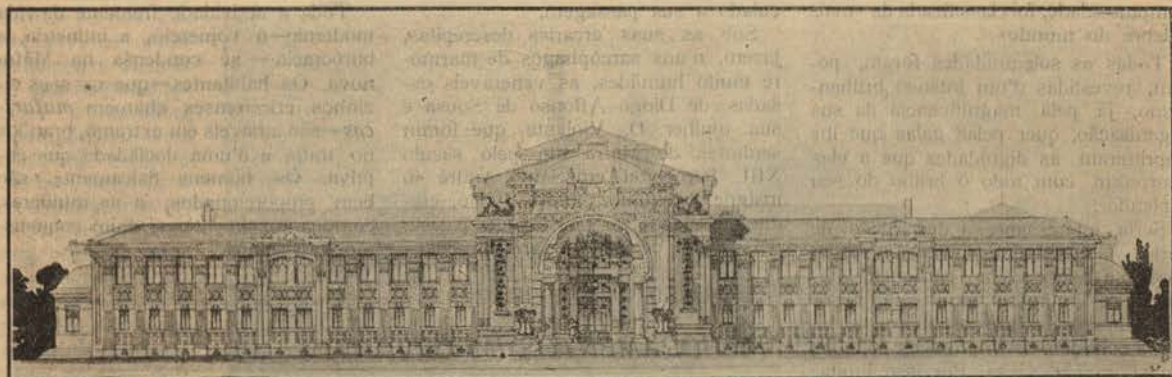
Á direita e n'este mesmo pavimento ficam: quartos, retrêtes e uma sala de leitura.

N'estas mesmas alas e no primeiro

nhos de pés, banhos ascendentes, banhos de vapor, «douches», banhos de imersão, banhos de assento, banhos de lama e os competentes vestiarios.

No extremo d'essa ala existe a grande sala de jantar d'este estabelecimento, que fica sendo um hotel terminal.

A parte central d'esta ala posterior, no primeiro andar, tem a bibliotheca e o archivo, um escriptorio, e laboratorio; n'uma parte mais elevada d'esse



FACHADA PRINCIPAL

tarde o proseguimento das outras edificações, já também iniciadas, mas que tiveram de ser grandemente alteradas.

E, pois, do estabelecimento Termal de que hoje nos ocupamos.

O projecto é do notavel director das obras do Estoril, o distincto architecto sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior, ao qual se devem importantes obras no pais, entre as quaes especialisaremos como das mais importantes até na Peninsula, a da «Fabrica de Cerveja Portugalia L.^{da}», na Avenida Almirante Reis.

O edificio vai ser levantado agora, gracioso e imponente, em linhas grandiosas e modernas.

O corpo central domina bem as duas alas lateraes, onde ficam os banhos e quartos e outras dependencias d'este estabelecimento.

O grande portico d'esse corpo fica com o fundo recolhido; e toda a caixilharia da porta, lados e bandeira, em semi-circulo, será em vitraes a côres. As duas grandes columnas da entrada serão em cantaria; e, junto á base, dois grandes vasos em bronze assentarão em sócos da mesma pedra que se ligam á escadaria central.

Em planta, este edificio fica com a configuração de um H deitado; no centro dá entrada para um grande Hall, com 36 metros de comprimento por cerca de 15 de largura.

Este Hall tem a altura de 2 andares, com uma galeria no primeiro pavimento, terminando n'um tecto curvilíneo

andar ficam: á esquerda, quartos de habitação; e do lado posterior a grande sala e gabinetes para inhalações, pulverisações e applicações de radio, rouparia e retrêtes. Á direita, toda a ala é occupada por mais de vinte e quatro quartos, alguns dos quaes com banho proprio.

As alas posteriores são occupadas: a do lado esquerdo, por uma grande piscina; a do lado direito, pelo estabelecimento hydroterapico, com ba-

corpo, ficam trez depositos para agua mineral, agua salgada e agua de Vale de Cavallos, que vão alimentar os serviços de banhos.

N'uma parte das caves ficam as instalações: de barbeiro, gabinetes de pintura do cabelo, «manicure», penteador para senhoras, sala de espera, laboratorio e cabelleiro.

A casa das maquinas elevatorias da agua para os depositos mencionados, fica tambem nas caves, por baixo da hidroterapia.

Depois do Hall de entrada, cuja de-



coração simples, mas bem conjugada com as superfícies lisas, apresenta um bom aspecto, a parte que a seguir se impõe n'este edificio, é a grande piscina, cujo leito será em «béton» armado, apoiado em pilares, tendo inferiormente o grande deposito, onde vão desaguar as abundantes aguas mineraes.

A profundidade desde o pizo da galeria lateral até o nivel da nascente das aguas mineraes é grande, o que obrigou a suspender a bacia.

A decoração d'esta importante parte do estabelecimento termal, é tambem muito agradável nas suas linhas simples e nas columnas que d'um e outro lado, guarnecem o recinto dos banhos. Junto ficam as salas de sudação para 55 e 75 graus, temperatura maxima, seguindo-se douches, cabelleireiro e sala de repouso.

Os pavimentos: terreo e do andar

superior, são, na maioria, em «béton» armado; o revestimento do Hall e lados da piscina será em mozaico de pedra brunida. Emprega-se n'esta obra, interiormente, o azulejo decorativo, lambris de madeira, ornamentação em relevo e pintura a oleo.

As fachadas posteriores e lateraes, sem complicações, mas de linhas graciosas, harmonizam-se bem com a imponencia da fachada principal, que tem sido muito apreciada pelos que a teem visto.

O custo d'este edificio está orçado em cerca de 500 contos e será a seguir ao Grande Casino, em estudo, o mais imponente edificio com que a Estação Termal do Estoril ficará enriquecida; estabelecimento modelar que pôde figurar entre os primeiros do genero da Europa.

N. C.

ASPECTOS SOCIAES

A abundancia e a carencia

PELA floresta da Cidade passeia a abundancia: um custoso automovel da melhor marca e de recente modelo, conduzido por um «chauffeur» de farda agalada, dando a esquerda a um trintanario com fardamento igual. Transporta sobre os seus commodos estofos uma linda senhora e uma interessante creança.

O aspecto geral é de muita grandeza: bom auto, dois creados luxosamente vestidos, a passageira ostentando vistosa «toilette» e brilhantes brinco; e a creancita, sua companheira, vestida pelo ultimo figurino para a sua idade.

Moram n'um belo palacio, onde ha macios tapetes, fôfas cadeiras, um mobiliario todo de apreço e valôr; soberbos quadros de artistas consagrados; abundantes e variadas refeições, servidas por muitos creados, cujo perfume se entrecôca com o das flores raras, dispersas artisticamente por todas as salas; enfim—todo o conjunto d'essa grandiosidade que torna a vida comoda, alegre, seductora e saudosa.

É essa a apparencia das passageiras do automovel.

São: mãe e filha.

Os seus physicos, onde parece transparecer os effeitos d'um bom tratamento, não espelham, comtudo, qualquer mágua da alma. Mas, teem-nas.

A mãe, que a todos, pôde dar a idéa d'uma vida sem outras preocupações

que as dos seus vestidos, não cuida, apenas, de si. Talvez seja—mesmo—de quem menos trata. Sahiu a passeio—é uma verdade; mas por uma imperiosa necessidade, por uma autocrata imposição da sciencia, para refrigerar o seu abatido moral e tonificar o cançado espirito; e, ao mesmo tempo, proporcionar uma embora passageira mudança d'ambiente a essa creancita, a quem toda a grandeza não é sufficiente para debellar, nem mesmo attenuar, a pertinaz doença que tenta consumir o seu depauperado organismo.

Ella mesma, essa mãe, é um exemplo vivo do martyrio: soffre por si, por sua filhinha e pelo marido, que em casa ficou, doente, estendido sobre uma cama, esse corpo onde o bacillus da tuberculose creou alento. O seu soffrimento tem-lhe sido dulcificado pela sua companheira de desdita—sua mulher, que lhe tem servido de delicada enfermeira durante a sua continua doença; de alma boa, nos momentos angustiosos, e de fada do Bem, carinhosa e meiga, representando a esperança, quando ella tenta desiludil-o a si proprio, e mascarando o futuro, nas situações em que um sopro de alento vem animar o perdido enfermo.

E com que sacrificio ella o faz, dissimulando a realidade dos factos, na mais angustiosa das situações!

O que ella soffre!

Nos poucos momentos em que pôde furtar-se ás vistas dos seus mais queridos entes, ella chora, chora essas lagrimas de sangue que lhe brota o coração; contorce-se dolorosamente na tortura do seu maior amôr; dá largas á afflicção que a oprime impiedosamente. A sua crudelissima dôr amargura-a até o ultimo extremo. E, todavia, ella é compellida a representar, com a mais sublime resignação, uma natural e imperturbavel paz d'espirito.

Para attenuar o enclausuramento da sua enormissima dôr, ella ora, feroz e continuamente. Pede a Deus que lhe dê forças para levar até o fim essa quasi que deshumana expiação a que foi condemnada.

Mas quem a vê passar no seu automovel, com toda a apparencia de luxo e conforto—que ella trocaria de boa-vontade por uma felicidade que nunca experimentou—suppõe que vae, com a mais simples naturalidade, estadiar a sua opulencia, usufruindo ao mesmo tempo os beneficios da sua privilegiada situação.

...E dizem: «aquella gosa, não tem ralações. É o que acontece a quem tem dinheiro.»

Assim o vulgo, que a olha apenas pela sua exteriorisação, nega-lhe—talvez—os mais caros sentimentos affectivos e o apreço da sensibilidade nas grandes dôres.

—Como as apparencias illudem!

No mesmo passeio cruza-se a *carencia* com esse symbolo da abundancia. Vem representada n'uma typica velha, andrajosamente vestida; o que conjugado com o pouco aceio que denota, tem a mais repellente apparencia. Os cabellos brancos sahem-lhe em desalinho por sob um lenço de côr indecisa; um chale, meio remendado meio rôto, cobre-lhe miseravelmente um desbotoado vestido que lhe circunda o esquelético corpo; os pés são envolvidos em restos de pelles, sem uma possivel traducção—tudo fazendo um conjuncto simplesmente asqueroso.

Em sua campanha leva um rapazito, trajando no mesmo tom: roto, esfarrapado, sujo, nojento—enfim.

Caminham, mal-dizendo a sua sorte, sem outro qualquer pensamento.

Não teem casa nem pão; mas, tambem, não soffrem dôres moraes, porque as desconhecem; não teem a comprehensão dos martyrios da vida, porque o seu espirito, nunca lapidado e sempre embrutecido, vegeta n'um limitado ambito. Só teem a idéa de que o dinheiro é que faz a felicidade

e com elle se tem tudo, na mais lata accepção da palavra.

Por isso, odeiam os ricos, achando sempre pouco tudo quanto elles lhes fazem; considerando-o mais como uma obrigação material, do que um dever moral.

Os pobres d'esta laia, personificando symbolicamente a *carencia*, não chegam a ter exigencias de idealismo, como tambem nunca tiveram a noção do trabalho.

Como factores da sociedade, eram prescindiveis, porque nem mesmo representam a indigencia commovedora, que nos attrahe e nos sensibilisa, obrigando-nos a desviar em seu beneficio os recursos de que podemos dispôr.

São — por assim dizer — os miasmas da sociedade, o bacillus preversivo, nascidos do nada, vivendo sempre no mesmo vicioso circulo e morrendo no mais completo abandono.

— E a sociedade ao vellos, assim, com essa miseranda apparencia, sente-se, ainda condoida pela extrema pobreza que representam, lastimando-os e, a maior parte das vezes, favorecendo-os com o seu auxilio.

Todavia, a pobreza que esses indigentes representam não é positivamente a miseria material; porque esta — embora os revezes da sorte sejam continuos em quem uma má estrella prosegue — nunca attinge as proporções verdadeiramente horrorosas que elles mostram. São por isso verdadeiros párias; podendo-se, talvez, classificá-los — com mais justa propriedade — como selvagens semi-rationaes.

A sua vida é, normalmente, errante. Marcham sempre sem fito nem destino, unicamente ao sabôr do acaso.

N'elles nem mesmo chega a haver a proporção dos sentimentos. A alegria, como as dores, o bem ou o mal, não despertam n'esses entes qualquer parcella de sensibilidade. Apenas teem uma vaga comprehensão de que a sua situação social é infima e que simplesmente por esse motivo, que filiam exclusivamente na falta absoluta de dinheiro, é que representam a miseria desvalida, sem alguém que os proteja.

— E quem ha de proteger creaturas

d'essa cathogoria, se elles nem dentro das suas limitadissimas facultades, sabem agradecer qualquer beneficio que se lhes proporcione?

E' por isso que a vida d'essa cathogoria de gente se revela, ao espirito do observador, como d'uma palpitante felicidade, pois que pelo estudo philosophico se verifica que a unica condição que a faria soffrer — a miseria — é precisamente a que menos a apoquentá,

São entes onde todo o sentimento está empedernido, toda a visão está obscurecida pelo embrutecimento do espirito, onde não ha raciocinio nem pensamento, mas tão sómente o egoismo proprio dos irrationaes.

Na generalidade empregam a sua vida a dizer mal de todos, tentando imiscuir-se na vida alheia unicamente para a revelarem a todo o mundo.

... E são esses que criticam invejosamente quem — muitas vezes — embora em situação completamente opposta — é digno de maior commiserção.

Mas o mundo é assim... e certamente serei fortemente criticado por este simples esboço d'um dos mais constantes quadros da vida, muito principalmente, por ter posto em parallelo duas linhas obliquas...

MARIO DE LISBOA.

A ABERTURA DO THEATRO DE S. CARLOS

EMBORE houvesse as maiores esperanças de que, ainda na presente epocha, o theatro de S. Carlos abrisse as suas portas, a uma companhia lyrica, o certo é que as boas vontades empregadas para esse fim, não conseguiriam todavia vencer alguns obstaculos que inesperadamente se interpuzeram á realização d'essa idéa.

Consta que foi a grêve dos correios, em Hespanha, originando a paralização da correspondencia, que obstu a efectivação de muitos contractos, em projecto com varios artistas de nomeada.

Sentimos imenso esse caso; mas

esperamos que o empenho da Sociedade de Propaganda e os seus valiosos esforços, conseguirão vencer as difficuldades, para que, no proximo inverno, a abertura de S. Carlos seja um facto.

O TURISMO NO JAPÃO

A Direção Imperial dos Caminhos de Ferro do Japão acaba de publicar o quinquagesimo volume da série dos seus interessantes guias de turismo.

Este ultimo volume do *Official Guide Book*, é finamente illustrado com preciosas gravuras sobre o Indo-China, Sião, Indias Neerlandesas e archipelago das Filipinas, a que especialmente se refere n'uma clara e brilhante descripção, que é acompanhada de planos de viagens e de cartas chorographicas.

LIGA GERMANOPHOBA

EM França acha-se constituída uma liga, intitulada *Souvenez-vous*, que tem por unico e especial fim impedir que se esqueçam os crimes praticados pelos allemães.

Essa liga conta já quasi dois anos de existencia e mais de 9500 associados; tendo dispendido, desde o inicio, soma superior a 100.000 francos na intensa propaganda do seu fim.

Transportes entre Portugal e França

DESDE 15 do corrente, mez todas as tarifas dos caminhos de ferro francezes acham-se agravadas com a sobretaxa de 25 por cento.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realisado 2.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones { DIRECÇÃO . . . 159
CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)